

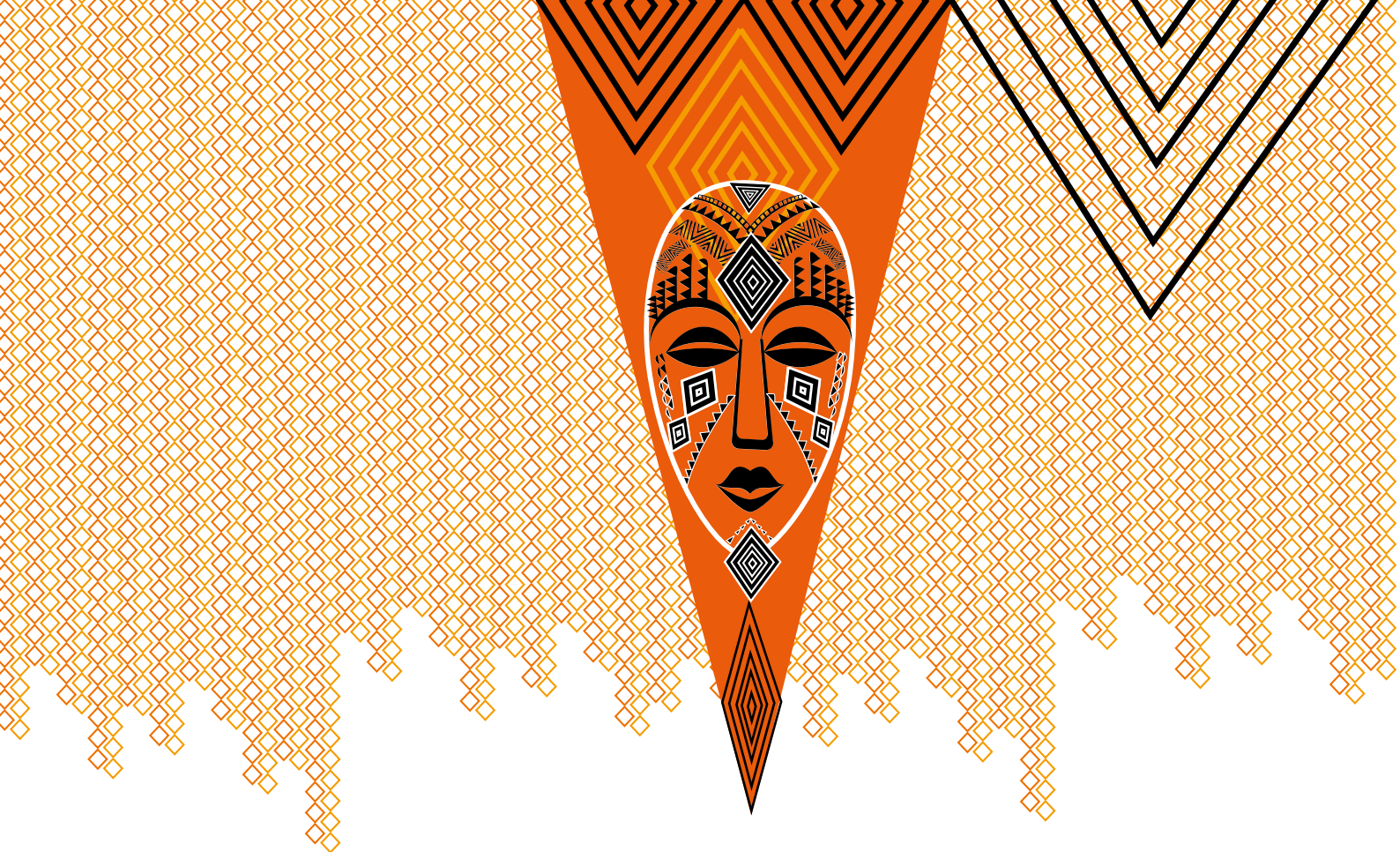


Fotografia: Adobe Stock

Projeto Maracatu: O som da nação

Sônia Aparecida Magalhães Ferreira Pereira

EMEI Cruz e Sousa – DRE Santo Amaro



Este projeto foi realizado na EMEI Cruz e Sousa, com uma turma do agrupamento infantil I, que atende crianças de 4 anos. Em 2018, iniciamos um percurso que ganhou mais abrangência em 2019, com a nossa primeira festa da Cultura Popular Brasileira, que ocupou o lugar da Festa Junina, a qual acontecia todos os anos. Esse novo formato teve por intuito agregar, além das manifestações que envolvem a cultura da Festa Junina, outras manifestações que acontecem pelo nosso país e que, muitas vezes, não tem o seu espaço garantido no ambiente escolar, principalmente aquelas de matriz africana e indígena. Sendo assim, ao início do ano, cada turma escolhe, por meio de diferentes estratégias, as quais priorizam a voz das famílias e a escuta das crianças, uma manifestação da cultura popular brasileira para ser discutida e aprofundada. No mês de junho, as turmas compartilham com a comunidade escolar aquilo que descobriram. Ressaltando que, ao longo do percurso dos projetos, nascem outras formas de partilhar os saberes construídos.

O coletivo da escola chegou a essa configuração de trabalho a partir da percepção de que queremos que todas as nossas crianças se vejam representadas em lugar de poder e de que a cultura e a história do povo africano e de seus des-

centes devem fazer parte do currículo escolar, o que, aliás, se configura em obrigação a partir da conquista da Lei nº 10.639/2003 e que, para nós, é uma premissa, objetivando a edificação de relações equânimes numa sociedade ainda tão desigual e racializada.

Dessa forma, no início do ano enviamos às famílias duas pesquisas para conhecermos as manifestações da cultura que fazem parte de suas histórias de vida. Analisamos, juntamente com as crianças, as devolutivas, que, por sua vez, foram transformadas em gráficos. Para dar mais subsídios para as crianças nesse processo, foram utilizadas variadas estratégias. Apresentamos diversas imagens, vídeos, músicas de festas brasileiras de matriz africana e/ou indígena.

Em 2019, a turma em questão, desde o início demonstrou grande interesse pelas imagens referentes ao Maracatu de baque virado, conhecido também como Maracatu Nação. Encantaram-se pelos personagens que compõem o Cortejo, o rei, a rainha e especialmente a figura da dama do paço, mulher que leva em uma de suas mãos a Calunga, uma boneca ricamente vestida com o mesmo traje de quem a segura. As crianças queriam saber o nome de todos os componentes

e os significados de cada um, sobre as indumentárias, os artefatos, como o estandarte, a espada e os demais que são utilizados na manifestação.

Surgiram falas e indagações do tipo: “As roupas usadas se parecem com o Carnaval” (D); “A mulher segura nas mãos uma boneca preta” (T); “A boneca é negra como eu” (BM) e “É uma grande brincadeira com reis e rainhas” (LM). Nessa fase, o projeto ainda está dando os seus primeiros passos, mas já cumpre com o seu papel de despertar uma identificação positiva nas crianças.

Partindo do encantamento e grande curiosidade sobre essa manifestação tão rica do nosso patrimônio cultural, foram feitas intervenções no sentido de trazer novos elementos que instigassem ainda mais as crianças, sem, no entanto, trazer respostas, e sim, incentivá-las a fazerem mais questionamentos. Sistematizamos essas perguntas e hipóteses para que juntos descobríssemos as respostas, o que se configurou num projeto que percorreu todo o ano. Ao longo dessa trajetória, revisitamos as questões lançadas inicialmente, analisando esse percurso vivido, as descobertas e aprendizagens, ao mesmo tempo em que alimentamos o projeto, trazendo mais informações e questionamentos.

Visando instigar ainda mais a curiosidade das crianças, trouxe para nos visitar uma amiga que foi professora em nossa escola e que faz parte do grupo “Maracatu Bloco de Pedra”, a Talita. Ela compartilhou conosco seus conhecimentos e vivências acerca dessa manifestação, com direito a passo de dança e muito batuque. A professora Talita prometeu que voltaria em outro momento com outros componentes do grupo, para tocarmos e dançarmos juntos. Isso aconteceu em outra fase do projeto, quando se apresentaram para toda escola. Tivemos a oportunidade de ficar por um tempo com a alfaia, que a professora Talita gentilmente nos emprestou, para com calma podermos explorar toda sua sonoridade.

Descobrimos, por intermédio da professora Talita, que bem pertinho da gente, no nosso próprio território, temos um grupo chamado “Maracatu Ilê Aláfia”, que ao tomarem conhecimento do interesse da turma pelo maracatu, nos visitaram. Mal sabíamos naquele dia, o quanto seriam importantes em nosso percurso.

Em nosso primeiro contato, tivemos uma roda de conversa de muita interação com três componentes do grupo, a Audrey, o Vinícius e a Karine. Nessa conversa, foram construídos os vínculos iniciais da turma com o Ilê. As crianças aprenderam um pouco sobre o continente africano e sobre os povos vindos desse vasto território. Falaram dos costumes que os mesmos trouxeram para o Brasil e que foram agregados às festas que faziam, regadas de muita música e dança para celebrar a coroação de rainhas e reis negros. Enfim, seguiram demonstrando de maneira lúdica e divertida com encenações das crianças como foi o surgimento do maracatu.

Esse encontro com o Ilê Aláfia despertou nas crianças o desejo de conhecerem mais sobre essa origem do maracatu, que, segundo informações do grupo, aconteceu em Pernambuco. A partir disso, fomos à busca de diferentes fontes para coletar informações, dentre as quais documentários e fotos. Com isso, nos deparamos com as agremiações de Maracatu. As crianças tiveram verdadeiro fascínio pelos três grupos mais antigos e tradicionais de Pernambucano, são eles: Nação Elefante, Nação Estrela Brilhante e Nação Leão Coroado. Emergiram daí muitos outros interesses que, por sua vez, foram remetendo a muitas descobertas, como a história de vida da Mestre Joana Cavalcante, primeira mulher a coordenar e apitar o batuque de uma Nação de Maracatu de Baque Virado.



O grupo Ilê Aláfia nos agraciou com a participação da abertura da nossa “I Festa da Cultura Popular Brasileira”, com um cortejo em que as crianças, nossa corte mirim, puderam passar (participar). Nesse dia, elas vivenciaram esse universo tão rico do maracatu, transformaram-se em reis, rainhas, damas do paço, catirinas, vassalos e demais personagens. Todos os presentes na festa ficaram contagiados com o som dos tambores e não havia quem resistisse àquele batuque. A vizinhança parou para prestigiar a nossa corte.

Nossa ligação com o grupo Ilê Aláfia não parou por aí. No segundo semestre, fomos presenteados com uma parceria com o grupo, que uma vez por semana passou a realizar oficinas de dança e percussão com duas turmas da escola, sendo a nossa uma delas em razão do projeto que vinha sendo desenvolvido com essa temática. Essas oficinas, ministradas pelos nossos mais novos amigos, Lelo e Ingrid, em paralelo com as propostas que aconteciam em espaços de convivência, fizeram com que o projeto ganhasse ainda mais corpo. Essa parceria foi celebrada em mais um lindo cortejo em nossa Mostra Cultural.

O envolvimento com o universo do maracatu contagiou toda a Unidade Educacional. Após a Festa da Cultura Popular Brasileira, na qual as turmas fizeram várias apresentações das manifestações culturais, que são nosso objeto de estudo no PEA, Projeto Especial de Ação, foi realizada uma votação entre as professoras para saber qual o interesse em aprofundar os conhecimentos sobre os temas. A manifestação escolhida, de maneira quase unânime, foi o maracatu. Com isso, mais uma vez contamos com a parceira do grupo Ilê Aláfia, com a presença de duas de suas integrantes, a Audrey e a Ariane, que compartilharam seus conhecimentos nos momentos de formação na JEIF, Jornada Especial Integral de Formação. A equipe realizou também uma vivência maravilhosa de percussão e dança no espaço da EMEF Prof.^a Ana Maria Alvez

Benetti, onde, aos sábados, eram oferecidas oficinas abertas a quem desejasse brincar o maracatu de baque virado. Com tamanha generosidade e energia contagiante, dá para entender o porquê Ilê Aláfia significa em yorubá: **Casa da felicidade.**

O maracatu permeou todas as propostas partindo do interesse natural das crianças, que expressaram suas aprendizagens e descobertas em múltiplas linguagens. Foram realizados vários registros por meio dos desenhos e da escrita, a exemplo da produção de listas e textos coletivos. Listas dos instrumentos musicais, dos componentes do cortejo, textos sobre os conhecimentos adquiridos, entre outros.

Houve vários momentos em que as crianças criaram os personagens que queriam ser dentro do cortejos. Os personagens foram construídos com o uso de diversos recursos, como tintas, tecidos, lantejoulas, gliter, massinha. Os cortejos foram retratados em cartazes, maquetes e quadros. Foi um processo criativo, cuidadoso e pensado em cada detalhe pelas crianças, que muitas vezes chegavam na escola empolgadas, falando que tiveram uma ideia para acrescentar em sua criação. As crianças sugeriram fazer os símbolos referentes aos grupos de maracatu que eles mais se interessavam, entre os quais as estrelas que remetiam ao símbolo do grupo Nação Estrela Brilhante e as flores presentes nas saias das catirinas, que os faziam lembrar das flores que ficavam nos cabelos da “prô” Talita e da Audrey.

Quiseram ainda construir a boneca Calunga, que era muito significativa para o grupo. Durante o percurso, outras escolhas foram feitas, como a construção de alguns dos instrumentos musicais presentes no Maracatu, dando destaque especial para a alfaia. Construímos até um estandarte, que levou o nome da nossa EMEI.

Muitas foram as brincadeiras e dramatizações que se transformavam em personagens do maracatu e se tornavam brincantes dessa manifestação. O que contribuiu muito

para alimentar todo esse imaginário e criação de narrativas foram as histórias contadas dentro dessa temática; livros, como Maracatu, de Sônia Rosa, De alfaia a zabumbas, de Raquel Nader e Rosinha Campos e o preferido da turma, Os reizinhos do Congo, de Edimilson de Almeida Pereira, entre outros.

A maior parte das vivências foi embalada por um vasto repertório de músicas do maracatu que podem ser chamadas de cânticos, toadas e loas. Muitas vezes, já na entrada, as crianças eram recebidas ao som de suas músicas preferidas que também permeavam outros momentos da rotina, na maioria das vezes, a pedido do grupo. Para acompanhar o ritmo, utilizavam, frequentemente, os instrumentos confeccionados por elas e, em outros momentos, suas vivências eram reproduzidas no Parque Sonoro, que foi construído no primeiro semestre em nossa escola. Da mesma forma, a dança também se fez muito presente, nem mesmo as crianças mais reservadas resistiam ao batuque dos tambores.

A memória nos traz, como se fosse uma foto, um momento muito marcante de todo esse processo. No final do segundo semestre, na Mostra Cultural da Escola, quando o evento parou em torno de uma grande roda e mais uma vez o Ilê Aláfia, ali, totalmente integrado à nossa comunidade, liderou um agradecimento pelo momento vivido e depois tocou com uma energia que

ainda hoje emociona, convidando todas as pessoas a dançarem, como numa verdadeira irmandade.

Sendo assim, a sensação que ficou da realização desse projeto foi o da valorização de um povo por meio da sua cultura, no qual as crianças negras da turma se viram representadas em vários momentos do projeto, seja nos vídeos que foram assistidos, nas imagens apreciadas, nas vivências que foram realizadas com o Maracatu Ilê Aláfia ou nos livros que foram lidos, em um lugar de detentoras de um saber que encantou a todas ao longo dos meses, influenciando diretamente na construção de uma imagem positiva de si mesmas. Ao mesmo tempo, as crianças não negras tiveram a oportunidade de, por meio das mesmas estratégias, construir uma imagem positiva de suas amigas e amigos negros da turma, o que, por consequência, irá influenciar a forma como percebem a população negra para além dos muros da escola. Acreditamos assim estar contribuindo para o rompimento do racismo estrutural que está entranhado em nossa sociedade e cumprindo o nosso papel em ofertar à nossa comunidade uma educação antirracista, na qual os saberes são discutidos não mais a partir do ponto de vista exclusivo do colonizador, mas, sobretudo, daqueles e daquelas que de fato foram os protagonistas da história e que tiveram por séculos seus saberes subalternizados.

Referências

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Currículo da Cidade: Educação Infantil**. São Paulo: SME/COPED, 2019.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Currículo Integrador da Infância Paulistana**. São Paulo: SME/DOT, 2015.

